

**TRAJETÓRIAS DE VIDA-PESQUISA-FORMAÇÃO: DISCURSO DE  
PROFESSORA EMÉRITA**

**TRAJECTORY OF LIFE-RESEARCH-TRAINING: SPEECH BY  
PROFESSOR EMERITA**

**TRAJECTORIAS DE VIDA-INVESTIGACIÓN-FORMACIÓN: DISCURSO  
DE LA PROFESORA EMERITA**

Dalila Andrade Olivera<sup>1</sup> 0000-0003-4516-6883

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;  
dalilaufmg@yahoo.com.br

**RESUMO:**

Discurso proferido pela professora doutora Dalila Andrade Oliveira na ocasião da Cerimônia de Recebimento do Título de Professora Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 02 de outubro de 2023, na Faculdade de Educação (FaE).

**Palavras-chave:** formação; pesquisa; professora emérita; profissão; vida.

**ABSTRACT:**

Speech given by Professor Dalila Andrade Oliveira on the occasion of the Ceremony for Receiving the Title of Professor Emeritus of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), on October 2, 2023, at the Faculty of Education (FaE).

**Keywords:** life; profession; professor emeritus; research; training.

**RESUMEN:**

Discurso pronunciado por la professora doctora Dalila Andrade Oliveira en esta ocasión de la Ceremonia de Recepción del Título de Profesora Emérita de la Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG), el día 2 de octubre de 2023, en la Facultad de Educación (FaE).

**Palabras clave:** formación; investigación; profesión; profesora emerita; vida.

## **Discurso**

Boa noite.

Agradeço a todas as pessoas que vieram a esta cerimônia, estou muito feliz por estarem aqui. Em nome da Magnífica reitora Sandra de Almeida Goulart, cumprimento todas as autoridades presentes e agradeço-as por disporem de seu valioso tempo para participarem deste capítulo marcante da minha história.

Minhas palavras, nesta noite, são antes de mais nada de agradecimento, por isso queria começar manifestando minha gratidão à Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, não

só pela outorga do título de professora Emérita, mas por tudo o que essa instituição representou e representa na minha vida, tendo me acolhido primeiramente em 1983, como estudante de graduação no curso de Ciências Sociais, ainda na antiga Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH), do bairro Santo Antônio; depois, em 1990, como estudante do curso de mestrado em Educação, já aqui nesta Faculdade e, no ano seguinte, em 1991, como professora, inicialmente substituta no Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE) e, depois, efetiva no Departamento de Administração de Escolar (DAE), em 1994. A UFMG sempre foi a minha casa, ela é parte constitutiva de minha identidade não só profissional, mas como pessoa, a mulher que sou deve muito a essa instituição. E particularmente a Faculdade de Educação (FAE), meu local de trabalho há 32 anos, suas paredes e as pessoas que passaram e passam por elas são testemunhas do meu amadurecimento profissional e humano.

Este título que muito me orgulha, o qual tenho a felicidade de receber das mãos de uma mulher que respeito e admiro tanto, nossa magnífica reitora Sandra Goulart, é resultado de uma jornada que envolveu muitas trocas e aprendizagens com muitos e muitas colegas. Portanto, não o tomo como um reconhecimento individual, mas como a consagração de um trabalho coletivo, realizado ao longo de anos, décadas, e que exigiu muita entrega e dedicação. O que mais me alegra no recebimento deste é saber que ele é fruto do reconhecimento dos meus pares, porque sabemos o quanto é difícil valorizar a prata da casa, e o quanto o respeito e admiração dos nossos colegas é uma construção desafiante, pois estão sujeitos ao crivo mais imediato e cotidiano. Por isso, quero agradecer cada colega desta Faculdade por essa longa e rica convivência e ainda mais por considerarem que sou merecedora deste título.

Roland Barthes (2007), em sua aula inaugural no Colégio de França, afirmou preferir falar em alegria a falar em honra; pois se a honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é. Foi com essa alegria que ouvi da nossa querida diretora Andrea Moreno a notícia de que eu receberia este título, o que me deixou radiante. Desde que me aposentei, sem qualquer planejamento, em julho de 2019, não parei de trabalhar. Continuei vinculada ao nosso Programa de Pós-Graduação, desenvolvendo atividades docentes, orientando e pesquisando. Confesso que até hoje não me sinto aposentada e ainda não sei como seria viver sem trabalhar.

Minha história pessoal é muito marcada pelo trabalho, que entrou em minha vida como uma experiência exterior ao ambiente doméstico muito cedo, mais precisamente aos 12 anos e 20 dias de idade, por meio de emprego formal e regulamentado, o que era permitido legalmente em 1976.

Entre pela primeira vez numa sala de aula na condição de professora nesta Faculdade quando eu tinha 26 anos, há 32 anos. Pensando neste momento, no que eu deveria dizer na

cerimônia desta noite, foi como um filme passando diante dos meus olhos, começando um pouco antes, desde a menina de 12 anos, recém-saída de um pequeno lugar do interior de Minas Gerais, que de tão pequeno nem município é, São José dos Salgados, e que começou a trabalhar em uma loja na imensa cidade de São Paulo, até a culminância da minha carreira universitária com o concurso para professora titular, realizado no início de 2010. Minha inserção muito jovem no mercado de trabalho me obrigou a ser estudante de curso noturno já a partir da sexta série e, mesmo com a jornada de trabalho que extrapolava as 8 horas diárias em pé, chegava à escola com o mesmo ânimo e disposição de quem havia passado o dia em casa. Desde criança, o estudo era um valor na minha vida, herdado de minha mãe e avô materno. A escola sempre foi um lugar sagrado para mim, lembro-me o quanto detestava as férias e como eu amava minha primeira professora, Dona Neuza, que me acompanhou até o 3º ano do primário.

Porém, não tomo minha história particular como algo heroico por ter vencido muitos desafios para chegar até aqui. Sabemos que o acesso à educação superior ainda é para poucos neste país, que muito recentemente alcançou a universalização do ensino fundamental. Por isso, a maioria dos meus colegas, das minhas amigas de infância e de escola, e boa parte da minha geração não chegou à universidade. Apesar dos avanços das últimas três décadas, o Brasil segue sendo muito desigual do ponto de vista econômico, social e educacional: 9, 6 milhões de pessoas com 15 ou mais de idade são analfabetas, o que é inaceitável em pleno século XXI, com todo o avanço que assistimos das tecnologias digitais nas relações mais elementares da vida cotidiana.

A minha história foi muito marcada também pela política. Trabalhadora e estudante do ensino noturno, comecei muito cedo a militar no movimento estudantil e no movimento sindical, tendo vivido a emergência do novo sindicalismo, como recepcionista da presidência de uma empresa metalúrgica em São Paulo, e do Partido dos Trabalhadores, como filiada menor, no ano da sua constituição. Minha entrada para a universidade veio junto com minha saída de casa, por isso a opção pela UFMG, o que significou o retorno ao meu estado, Minas Gerais. A UFMG foi literalmente a minha casa, porque, não tendo onde morar em Belo Horizonte, fui engrossar a ocupação do Hospital Borges da Costa para se tornar a Moradia Estudantil que me acolheu nos quatro anos de graduação. Vivi durante 4 anos a universidade, na faculdade, nas bolsas de monitoria e iniciação científica (tendo participado nessa condição da primeira Chamada da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) para Bolsas de Iniciação Científica (BIC) e naquela comunidade libertária do Borges da Costa, além da minha intensa participação no movimento estudantil, no centro

acadêmico de ciências sociais, no Diretório Central dos Estudantes (DCE) e na oposição à União Estadual dos Estudantes (UEE) e à União Nacional dos Estudantes (UNE).

Assim, a UFMG foi o meu espaço de vida, trabalho e militância política, e essa confluência guiou boa parte de minhas escolhas do ponto de vista pessoal e profissional. Essa experiência marcante também foi definidora das minhas escolhas teóricas e metodológicas, se considerarmos a visão de Max Weber, de que as opções dos cientistas e sociólogos são portadoras de valor, porque implicam em uma imagem do mundo e visão de sociedade condicionadas em certa medida pelos valores da esfera científica, especialmente referidas às ciências sociais e humanas. Como analisa Fiscina (2015: p. 94), "A própria sociologia compreensiva de Weber é um tipo ideal de ação racional, e a ciência, aqui, traz uma ideia que determina, qual manobrista e os trilhos pelos quais a ação é levada pela dinâmica dos interesses". Segundo Bourdieu (2001), o pensamento sociológico de Max Weber daria ensejo ao existencialismo num sentido bastante específico, o qual confere ao sujeito uma posição epistemológica em que dele tudo o mais se origina, inclusive o poder de conferir à história uma direção, conforme a sua vontade.

E foi assim, conduzida por determinados interesses e vontades, que cheguei à Faculdade de Educação. Meu trabalho como assessora em sindicatos filiados à Central Única dos Trabalhadores e, nele, meu envolvimento com experiências em educação popular, em especial com a pedagogia freiriana, levou-me a buscar o mestrado em educação desta Faculdade, que já, àquela época, ostentava excelente reputação. O mestrado foi extremamente importante para o redirecionamento da minha vida, ali fui despertada para a carreira acadêmica, e devo esse imenso incentivo a três de meus professores, a quem tributo muito do percurso que me trouxe até aqui: Odeir José dos Santos, meu orientador, Carlos Roberto Jamil Cury e Miguel Arroyo. Com eles, desenhei os primeiros traços desse quadro, que agora vejo pregado na parede, e que me convulsiona. Porque, assim como para Carlos Drummond de Andrade, com quem tenho em comum o sobrenome e estado de nascimento, olhar o passado é como ver uma imagem congelada que dispara nossas emoções, o que ele exprimiu em forte tom nostálgico em sua Confidência do Itabirano: "Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!"

Olhar para o passado e para a culminância de uma carreira, do alto de uma longa experiência, requer refletir sobre o que somos e o que fomos. Como já nos ensinava o historiador Thompson, nossa identidade se constitui na experiência. As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, elas também a experimentam como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura (Thompson, 1987, p. 189). Por isso, ao olhar para essa história, ao refletir sobre minhas

experiências, vejo que foi (e continua sendo) um processo até certo ponto socialmente determinado, mas como experiências vivenciadas na realidade concreta que se chocam com a ideologia dominante e que podem levar a rever práticas, valores e normas, ajudando a constituir identidades de classe, de gênero, de geração, de etnias. Nas palavras do historiador: “Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas necessárias e aprendidas no sentimento, no “*habitus*” de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata.” (Thompson, 1987, p. 194).

Portanto, essa experiência é portadora de valores que envolvem mescla de alegrias e dores. Vou primeiro falar das alegrias, pois hoje é um dia de festa para mim, e tenho certeza de que para os que me querem bem.

A alegria de ter tido ao meu lado pessoas tão generosas e amigas, que transformaram esses 32 anos em uma experiência tão gratificante. Refiro-me aos colegas desta Faculdade, mas, em especial, aos membros do Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente (Gestrado). Esse grupo de pesquisa que criamos há mais de 20 anos, de forma despretensiosa, e que hoje é uma referência não só no Brasil, mas na América Latina.

Mas também as minhas alunas e alunos de graduação, com os quais aprendi a ser professora e que, com seu reconhecimento, confiança e afeto, faziam-me querer estudar cada vez mais para corresponder as suas expectativas. Fui paraninfa das cinco primeiras turmas que lecionei no curso de Pedagogia e homenageada em outras tantas, o que me enche de orgulho. Isso inclui ainda as dezenas de orientandos de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação desta Faculdade, muitos dos quais agora são meus colegas de vida acadêmica.

Em 2009, participei da comissão que criou o Doutorado Latino-americano em Educação: Políticas Públicas e Profissão Docente (DLA), o que representou nosso encontro com a América Latina. Garcia Marques contou, em uma entrevista, que se descobriu latino-americano na Europa, em contato com os outros nacionais desta região.

A minha descoberta dessa identidade foi despertada pela canção de Belchior, em 1976, “eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior”, na minha chegada a São Paulo, como estrangeira no meu país. Mas isso foi de um ponto de vista prático, porque teórico, foi por meio dos estudos em sociologia latino-americana com um professor boliviano recentemente chegado ao Brasil, Antônio Mitre, e minha integração ao Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), e, com eles, o envolvimento com o pensamento crítico social latino-americano. Fui uma das fundadoras e

coordenadora por muitos anos da Rede Latino-americana de Estudos sobre Trabalho Docente (Rede Estrado), talvez uma das experiências mais importantes da minha carreira acadêmica. Desenvolvi muitos vínculos pessoais e institucionais perenes que extrapolam a vida acadêmica.

Em âmbito nacional, fui vice-presidente e depois presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), por dois mandatos, o que me deu um conhecimento bastante amplo da área de Educação e me permitiu atuar no campo da política acadêmica, influenciando em relevantes debates sobre a política educacional, científica e de pós-graduação. Enfim, minha carreira acadêmica me permitiu transitar muito pelo Brasil e pelo mundo, estive como professora convidada em muitas universidades em diversos países, tenho amigos espalhados pelo mundo, mas bem guardados no meu coração que, como o do grande Caetano Veloso, "quer guardar o mundo em mim". Queria poder nomeá-los um a um, todavia seria impossível e bastante cansativo para quem me ouve agora.

Por fim, quero destacar minha experiência mais recente no CNPq, que sempre foi minha segunda casa. Pesquisadora de Produtividade (PQ) desde 2002, fui membro e coordenadora do Comitê de Assessoramento da área de Educação (CA-Ed) e membro do Conselho Diretivo (CD/CNPq), representando a comunidade científica. Foi com muita alegria que recebi, em fevereiro deste ano, o honroso convite do professor Ricardo Galvão para compor a atual diretoria de cooperação institucional, internacional e inovação do órgão. Não poderia deixar de mencionar minha enorme satisfação de poder contribuir para este projeto de país, sobretudo no que se refere à política científica, depois de um duro período de negacionismo e obscurantismo que o país atravessou.

E aqui devo também manifestar minha gratidão às agências de fomento que contribuíram para minha formação e para minha carreira como pesquisadora acadêmica: CAPES, CNPq e FAPEMIG.

Não poderia deixar de falar das dores e sofrimentos que também constituem parte dessa experiência. As ausências com minhas filhas, Bárbara e Luciana, meus pais, irmãs e irmão e outros entes queridos, pelas muitas horas que essa proposta de vida e trabalho me consumiu. Minha condição feminina é marcada pela culpa, pela ideia de que, antes de tudo, devemos ser boas mães, cuidar bem da casa e manter em ordem a família; mas a situação poderia ser ainda mais difícil.

Bell Hooks (2021) afirmava que as mulheres negras aprendem a negar suas necessidades mais íntimas, enquanto desenvolvem sua capacidade de confrontar a vida pública. É por isso que constantemente, segundo ela, essas mulheres parecem ter sucesso no trabalho, mas não na vida privada. Em suas palavras: "Quando vemos uma mulher negra aparentemente segura de si,

de seu trabalho, é bem provável que se formos visitá-la sem avisar, com exceção da sala, todo o resto da casa vai estar a maior bagunça, como se tivesse passado um furacão."

A minha casa sempre esteve em perfeita ordem e minhas filhas sobreviveram, são mulheres adultas e eu as vejo felizes, mas isso não teria sido possível se outras mulheres não tivessem contribuído para que meu entorno estivesse mais ou menos equilibrado. Por isso, aqui devo manifestar minha enorme gratidão para com as mulheres que me auxiliaram com o trabalho doméstico e o cuidado com as meninas: Madalena, Ineda, Andréia, Neuraci, Sirlene e Elizângela.

Devo também agradecer de todo coração ao Luciano, que foi meu parceiro por cerca de 20 anos, por sua generosidade no cuidado com as filhas e a casa, por todo o apoio e incentivo. E ao meu companheiro Heleno pela cumplicidade e por sua maneira descomplicada que tanto me ajuda a ver o mundo de forma um pouco mais leve e me ensina que não preciso correr tanto, que posso respirar e, de vez em quando, relaxar.

Por fim, quero manifestar minha gratidão com duas pessoas que já não estão mais entre nós.

Tenho certeza de que, se não fosse a morte, essa experiência inevitável, estariam sentadas aqui nas primeiras fileiras duas pessoas amadas que perdi muito recentemente. Inês Teixeira, uma amiga de todas as horas, que sempre me estimulou com suas contribuições e críticas. Difícil entrar pela FAE, olhar à esquerda para o corredor do DECAE e não ver mais a nossa Inezinha, com sua energia inesgotável, aquela fábrica de ideias, aquela presença pulsante.

Mas mais difícil ainda é despertar toda manhã e lembrar que não tenho mais a minha principal parceirinha de uma vida inteira, minha irmã Jura. A experiência da vida sem ela tem sido difícil, muito mais do que eu pude imaginar, e pensar que me preparava enquanto ela morria, exercício que levou 10 meses. E isso já faz 2 anos... Com ela se foi uma parte importante de mim, todos os meus segredos (alguns talvez eu nem consiga mais me lembrar), com ela compartilhei minhas alegrias e tristezas, compartilhei o mais íntimo das minhas experiências e me inspirei, resignei-me e segui adiante. Por isso, o que recebo aqui hoje também é dela, porque ela me apoiou em um nível tão subjetivo que eu não ousa definir, ela vive em mim, nas pessoas que a amam e, dessa forma, ela se faz presente aqui.

Para concluir, quero encerrar pedindo desculpas pelos excessos que cometi e pelas faltas que deixei, eu não poderia estar aqui de outro modo, trago comigo todas as dores do mundo, mas trago também os sonhos e a vontade de perseguir. Assim, ainda que o título de emérita em seus significados possa conter a noção de alguém que se aposenta, se o tomarmos retirado da palavra que vem do latim, *emerries*, que significa algo que pode ser encontrado após a

libertação da tarefa, prefiro pensar que este título me confere a libertação da tarefa apenas no sentido de acabar com a urgência, que sempre me oprimiu no fazer acadêmico. E tomar seu significado enquanto "merêre", que significa "merecido ganhar", cujo sentido pode ser "aquela que muito merece" ou simplesmente "aquele ou aquela detentor de título universitário que se distinguiu pelos serviços prestados em determinada área do conhecimento". Quaisquer que sejam seus significados, minhas palavras finais são de enorme gratidão por todas as pessoas que cruzaram meu caminho ou que estiveram ao meu lado nesta caminhada e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

Muito obrigada!

### Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FISCINA, Lênin Cesar Freire. **Indivíduo, valores e decisão em Max Weber**. 2015. 104 f. Mestrado (Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Editora Elefante, 2021.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. v. 1 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

### SOBRE A AUTORA

**Dalila Andrade Oliveria**. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista do CNPq/PQ1A e FAPEMIG/PPM.

Contribuição de autoria: autoria do texto completo

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1795516271097895>

### Como citar este texto

OLIVERA, Dalila, Andrade. Trajetórias de vida-pesquisa-formação: discurso de professora emérita. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 51, e14932, 2024. DOI: 10.22481/praxisedu.v20i51.14932